

## DEUS É MAIS:

### A SUPREMACIA DA FÉ EVANGÉLICA NA ÓTICA DOS ATLETAS DE CRISTO

Reinaldo Olécio Aguiar<sup>1</sup>

**RESUMO:** A seleção de futebol do Brasil que conquistou o título de campeã mundial, na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, contava com seis atletas “evangélicos”. Este grupo reduzido, que se considerava “escolhido”, coordenado por pessoas ligadas ao grupo Atletas de Cristo (ADC), encontrou uma explicação *sui generis* para a conquista do título: Deus. Analisando a trajetória de cada um dos seis atletas no período da competição, Alex Dias Ribeiro, diretor dos ADC, apresentou não só uma versão religiosa de um evento esportivo, como a suposta superioridade da “fé evangélica” em relação aos outros produtos religiosos. Trabalhamos neste artigo com a hipótese de que esta idéia de superioridade decorre da herança evangélica que separa convertidos e não-convertidos, com os primeiros sendo abençoados por Deus, além da mudança de linguagem interpretadora do mundo do convertido, realizada agora a partir de sua experiência religiosa. A conseqüência é um tipo de humildade evangélica que atribui as grandes ações a Deus, tanto na vida cotidiana quanto no esporte.

**PALAVRAS CHAVE:** Atletas de Cristo, futebol, comunidades, conversão, linguagem religiosa.

## GOD IS MORE:

### THE SUPREMACY OF EVANGELICAL FAITH IN OPTICS OF CHRIST'S ATHLETES

**ABSTRACTS:** The Brazilian team of soccer, winner of the 1994 World Cup, in United States, had six evangelical athletes. This reduced group, that was considered “elected” for yourselves, it was coordinated by people of Atletas de Cristo group (ADC), and found a *sui generis* explanation for the conquest: God. Presenting the evangelical athletes' individual trajectory in the World Cup time, Alex Dias Ribeiro, ADC director's, reached the conclusion that a sporting event can be understood in a religious way. Its understanding drove him to the conviction of the superiority of the “evangelical faith” in relation to the other religious products. In this article, objective to present this superiority as a consequence of the “evangelical's inheritance”, that separates converted and no-converted. Just the first ones are blessed for heaven's sake. This superiority is also clear in the language of the converted. The consequence is a kind of “evangelical humility”, that it attributes the great actions to God, so in the quotidian life as much as in the sport.

**KEY WORDS:** Athletes of Christ, soccer, communities, conversion, religious language.

Cristo ou Buda – qual dos dois vencerá a Copa do Mundo? Essa era a manchete mais intrigante da semana, numa alusão ao craque italiano Roberto Baggio, budista convicto, e aos muitos atletas de Cristo da seleção brasileira (RIBEIRO, 1995, p.75).

---

<sup>1</sup> Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Brasil(2004). Bolsista de pós-doutoramento da Universidade Federal de São Carlos

---

Alex Dias Ribeiro, diretor dos Atletas de Cristo (ADC), escreveu estas palavras para descrever o capítulo “a cena final” da Copa do Mundo de 1994, quando estavam, frente a frente, Roberto Baggio, jogador da Itália e adepto do budismo, e Cláudio André Taffarel, atleta de Cristo e goleiro do Brasil. Interpretou, desta maneira, um evento esportivo pela ótica da religião. Além disso, transformou as ações individuais de dois jogadores em uma “disputa de deuses”.

A nossa intenção neste trabalho é buscar as raízes desta interpretação religiosa do esporte e sua conseqüente compreensão da supremacia da “fé evangélica” em relação às outras ofertas simbólicas, provenientes de outras religiões. Obviamente não pretendemos levar aos extremos esta questão em função dos limites da natureza deste trabalho. Assim, restringir-nos-emos à análise de dois livros produzidos por Ribeiro (“*Atletas de Cristo*” e “*Quem venceu o tetra*”), procurando demonstrar que a cosmovisão, e mesmo a construção do universo do atleta de Cristo são dicotômicas, separadas em “antes” e “depois” de sua experiência religiosa.

De início, trataremos de definir os conceitos-chave que serão usados: atletas de Cristo e fé evangélica. Depois desta necessidade metodológica, discutiremos o que consideramos a gênese da compreensão desta fé evangélica em relação ao esporte e seu desdobramento em um tipo de “humildade evangélica”, simbólica, mas presente.

É necessário esclarecer que estamos trabalhando com tipos ideais. Tanto o grupo de atletas que servirá de objeto de pesquisa para este trabalho, quanto a fé evangélica que discutiremos a seguir, serão entendidos através do princípio weberiano da compreensão. Isto significa a pertença dos personagens analisados aos ADC, o que pressupõe um atleta profissional que tenha tido uma experiência religiosa nos modelos defendidos por este grupo; ao mesmo tempo, que a fé evangélica do grupo não é necessária e nem absolutamente evangélica, mas apresenta elementos presentes em grupos considerados evangélicos. Estes conceitos carentes de limitação serão explicados no decorrer do trabalho.

## 1. Atletas de Cristo

A origem dos ADC<sup>2</sup> remonta a 1978, com um então atleta do Clube Atlético Mineiro, João Leite. Depois de sua experiência de conversão<sup>3</sup> surgiu a preocupação de propagação de sua fé entre os seus companheiros de profissão. Uniu-se com um ex-jogador de basquete amador,

---

<sup>2</sup> As informações aqui contidas baseiam-se na página oficial de ADC na Internet, rede mundial de computadores, e em Ribeiro (1994).

<sup>3</sup> João Leite é apresentado como pertencente à Igreja Batista Central de Belo Horizonte, em Ribeiro (1994, p. 20).

Abraão Soares, que na época dirigia a Mocidade para Cristo (MPC), com o intuito de “começar um trabalho de testemunho e de evangelização no meio esportivo, alcançando vidas para Cristo”. Segundo João Leite, o grupo começou pequeno, com atletas como Baltazar (futebol), Eliana Aleixo (vôlei) e Isaías (futebol). O grande público começou a perceber a sua presença quando exemplares da Bíblia eram distribuídos aos adversários, geralmente no início das partidas. Durante três anos, Atletas de Cristo funcionou como um departamento da MPC.

Apenas em 1981, com a criação de um grupo de apoio formado com gente suficiente para suportar o nascimento de uma instituição é que o nome "Atletas de Cristo", sugerido por Eliana Aleixo, na época estrela do vôlei brasileiro e esposa de João Leite, passa a denominá-los. A primeira diretoria de ADC foi eleita com objetivos claros:

1º falar de Cristo aos atletas de todas as categorias e modalidades; 2º dar-lhes condições para que eles mesmos pudessem evangelizar seus colegas, aproveitando a porta naturalmente aberta a eles; 3º cooperar com igrejas, missões e organizações cristãs [*por ser um grupo paraeclesialístico*]; 4º contribuir para a prática séria e honesta do esporte; 5º realizar atividades que tornassem possível o alcance desses objetivos (RIBEIRO, 1994, p.XIV – grifos nossos).

Constam como fundadores de ADC no Brasil, João Leite da Silva Neto, seu primeiro presidente; Baltazar Maria de Moraes Jr., 1º Vice-Presidente; José Baltazar de Oliveira, pastor e 2º Vice-Presidente; Hélio Delvo Vilela, editor e 1º Tesoureiro; Hildo Zuge, comerciante e 2º Tesoureiro; Mirian Gomes Soares, médica e 1ª Secretária; Rita Maria Campos Leite Rocha, 2ª Secretária; e Abraão Soares da Silva, Diretor Executivo. Além destes nomes que integraram a primeira diretoria, também constam como fundadores o Pr. George Foster, Pr. José Francisco Veloso, Pr. Ivênio dos Santos, Pr. Manfred Grellert, e Prof. Dervy Gomes de Souza.

Em dezembro de 1981 foi realizado o 1º Congresso Anual de Atletas de Cristo, em Curitiba (PR), com a presença de João Leite, Baltazar, Jaílton, Jânio e outros 20 esportistas cristãos. O ano de 1982<sup>4</sup> foi dedicado à criação de metodologia e formação de uma infra-estrutura de suporte legal da entidade. Foram criados e aprovados os estatutos, a entidade foi registrada, e criados o logotipo, o compromisso de Atletas de Cristo e o *slogan* que definia sua proposta de atuação: *Amando o Senhor; Correndo juntos, Alcançando a muitos.*

---

<sup>4</sup> Há uma contradição nesta data entre os registros da página oficial dos ADC na Internet – consta 1984 – e o texto de Ribeiro, que traz 1982.

Em janeiro de 1983, após a realização do 2º Congresso Anual, em Areal (MG), foram criados os dois primeiros Grupos Locais de ADC: um em Curitiba, sob a liderança de Hildo Zuge e um em Salvador, tendo como líder Mário Lima. Em 1984 surgiu o Grupo do Rio de Janeiro, sob a liderança do Pr. Ezequiel Batista da Luz (Zick). Em 1985 surgiu o Grupo de São Paulo, com o trabalho do Johnny Monteiro<sup>5</sup> e colaboração de Alex Dias Ribeiro, Volney Faustini, Rodolfo Fraga, Ary Velloso, entre outros. Depois vieram os grupos em Uberlândia, Joinville, Bauru e Recife. Atualmente há mais de cento e vinte Grupos Locais espalhados pelo Brasil. Frutos deste ministério inicial, surgiram ainda os Atletas de Cristo em Portugal, tendo o jogador Batista (ex-Atlético Mineiro) como um de seus fundadores, e na Argentina, fundado por Silas (ex-jogador do São Paulo e ex San Lorenzo da Argentina).

A partir de março de 1986, o Diretor Executivo de ADC passou a ser Alex Dias Ribeiro (ex-piloto de Fórmula 1 e membro da Igreja Batista do Morumbi), em substituição a Abraão Soares. Alex passou a ser um tipo de ideólogo de ADC, dando uma linguagem doutrinal própria ao grupo. Neste ano o centro de direção de ADC passa a ser comandado de São Paulo.

O jornal de ADC tornou-se um periódico mensal, publicando em julho de 2003 sua edição de número 218, ano XXII, com tiragem de cerca de 35.000 exemplares. Os ADC reúnem-se com frequência em torno de seu Congresso Anual, sempre no mês de dezembro. Em 2002, realizou-se o 21º, em Caldas Novas – GO. Os produtos da grife Atletas de Cristo, que antes se resumiam a adesivos, atualmente contam com camisetas, jaquetas, bonés, e várias outras peças que divulgam sua imagem e ideal. A organização está ligada aos trabalhos da ISC - International Sports Coalition, entidade fundada em 1982 e que congrega os ministérios esportivos que funcionam ao redor do mundo, priorizando megaeventos, como Olimpíadas e Copa do Mundo. Hoje ADC conta com mais de seis mil atletas brasileiros, atuando no Brasil e em dezenas de países (Argentina, EUA, Portugal, Espanha, França, Itália, Turquia, Japão, etc.).

Doutrinariamente, os ADC se definem como seguidores de princípios cristãos fundamentais, princípios sintetizados em um documento chamado “Bases de Fé de Atletas de Cristo” e que transcrevemos:

- A) A existência de um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Um em essência e Trino em pessoa.
- B) A Soberania de Deus na criação, Revelação e Juízo Final.

---

<sup>5</sup> Johnny Monteiro também mantém uma página na Internet dedicada aos ADC, cujo endereço é <http://www.agrandejogada.com.br/atletas.htm>.

- C) A inspiração divina, veracidade e integralidade da Bíblia como revelada originalmente, e sua autoridade em matéria de fé e conduta.
- D) A pecaminosidade universal e a culpabilidade de todos os homens desde a queda de Adão, pondo-nos sob a ira e condenação de Dês.
- E) A redenção da culpa, pena, domínio e corrupção do pecado somente por meio da morte expiatória do Senhor Jesus Cristo, o filho encarnado de Deus, nosso representante e substituto.
- F) A ressurreição corporal do Senhor Jesus Cristo e em sua ascensão À direita de Deus Pai.
- G) A missão pessoal do Espírito Santo no arrependimento, na regeneração e na santificação dos cristãos.
- H) A justificação do pecado somente pela graça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo.
- I) A intercessão de Jesus Cristo, como único mediador entre Deus e os homens.
- J) A única igreja, santa e universal, que é o corpo de Cristo, a qual todos os verdadeiros cristãos pertencem e que na terra se manifesta nas congregações locais.
- L) A certeza da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo em corpo glorificado e a consumação do Seu Reino naquela manifestação.
- M) A ressurreição dos mortos, a vida eterna dos salvos e a condenação eterna dos injustos.

Institucionalmente, os ADC se definem como um ministério interdenominacional evangélico, aceitando como legítimas todas as igrejas evangélicas. Isto significa que ADC não impõe e nem tolhe a participação de seus filiados em qualquer denominação, deixando a cargo de cada atleta a escolha da igreja que desejar. Em razão disso, o movimento não se posiciona formalmente em relação às diferenças doutrinárias e aos pontos polêmicos existentes no campo evangélico.

## **2. Fé Evangélica**

Uma vez apresentados os ADC, é necessário conceituarmos a “fé evangélica”. Inicialmente, utilizamos a expressão fé evangélica em vez de fé cristã por opção metodológica. Fé cristã denota um espectro mais abrangente, podendo abarcar as várias manifestações religiosas ligadas à religião cristã, ainda que através de variados filtros institucionais. Poder-se-ia obstar que a fé evangélica deriva daquela, o que é fato, mas neste texto, esta se refere a um tipo específico de experiência individual com o sagrado. Não é “um conjunto coerente de afirmações, um discurso sistemático, mas uma forma de relação direta entre o fiel e o sagrado que chamamos de

intuição incompleta”<sup>6</sup> (MENDONÇA, 1986, p.38). É fé “evangélica” porque está ligada às denominações cristãs provenientes da Reforma do século XVI, que no Brasil se autodenominam “igrejas evangélicas”<sup>7</sup>.

Desta forma, a fé evangélica é entendida aqui como a afirmação de uma experiência religiosa por parte dos jogadores de futebol que participaram da Copa de 1994, integrados ao grupo de ADC, que tem como ponto de partida a conversão, tal como será apresentada adiante, e sua conseqüente inserção em alguma instituição “evangélica”, seja tipo igreja ou seita. Esta experiência, que no mais das vezes ocorre nos grupos de ADC, ou é por ele incentivada, se assemelha em alguns pontos com a descrição de Mendonça do misticismo protestante (2000, p.77-78), sobretudo pela mediação da leitura da Bíblia, quase sempre grupal. A produção de literatura piedosa (os livros de Ribeiro são do tipo “exemplos a serem seguidos”) e a busca de auto-aperfeiçoamento por meio da devoção pessoal que tem como conseqüência a ética pessoal e social (proposta no item 4º dos objetivos do grupo, conforme acima) são exemplos disso<sup>8</sup>.

Há, porém, algumas diferenciações importantes. O misticismo protestante teve extrema dificuldade de inserção na cultura brasileira, tendo sobrevivido através da proposta de salvação *da* cultura, em vez de *na* cultura. No ambiente do futebol e na vivência dos ADC, esta inserção é muito menos traumática. A razão parece estar na manutenção relativa do campo pelos ADC e em certo afrouxamento da conversão. Voltaremos a este ponto no item 3.

Os próprios ADC descrevem o que seria a experiência de “tornar-se um verdadeiro atleta de Cristo”:

Ser atleta de Cristo não é pertencer a uma igreja batista, pentecostal, católica, presbiteriana, metodista, menonita ou qualquer outra. Também não é ser um religioso praticante, nem devoto de algum santo, nem um bom pagador de promessas, nem um sujeito bonzinho. O verdadeiro atleta de Cristo é aquele que um dia descobriu que pisou na bola, que é um pecador e que, sendo religioso ou

---

<sup>6</sup> Mendonça aponta a ausência de intermediação entre o fiel e seu Deus e a manutenção de um espaço para o “mysterium” como pólos da irracionalidade da religião. Por esta razão a relação cognitiva fiel-sagrado é entendida como intuição incompleta: o mistério precisa continuar mistério. Se houver racionalização excessiva, a adoração (culto) é substituída pelas reuniões de discursos a respeito do sagrado, nas quais o sagrado mesmo desaparece porque vai perdendo seu mistério na medida em que os silogismos vão se aperfeiçoando. Detalhes em Mendonça (1986, p. 35ss).

<sup>7</sup> Há intensa discussão sobre a identidade “protestante” de certas agremiações evangélicas brasileiras. No caso de algumas igrejas neopentecostais, concordamos com Mendonça que vê um distanciamento tal com os princípios da Reforma que a solução de continuidade inexistente. Maiores detalhes, em Mendonça (2000, p.72s).

<sup>8</sup> São raros os casos de jogadores ligados aos ADC que constituem exceção a esta regra. As críticas mais comuns são aos jogadores violentos – o que contrariaria a ética religiosa – e aos que criam problemas com outros jogadores durante os jogos. Convém destacar que os jogadores evangélicos mais visados por estas razões, não pertencem aos ADC.

não, está separado de Deus pelo seu pecado e pelos seus erros. Arrependido e triste pelos seus erros e pecados, ele se volta para Jesus Cristo, o Filho de Deus, nascido de Maria, e diz: *Senhor Jesus, perdoa os meus pecados, pois eu reconheço que tu és o Filho de Deus que morreu em meu lugar. Eu entrego minha vida em tuas mãos e daqui para frente sou teu e tu és meu, para o que der e vier* (RIBEIRO, 1995, p.93).

A “filiação” das afirmações de fé dos ADC, tanto em “*Atletas de Cristo*”, quanto em “*Quem venceu o Tetra*”, é coerente com a tradição da teologia evangelical<sup>9</sup> no Brasil. Velazques (1990, 87), ao tratar da inserção do protestantismo no Brasil afirma que este “trouxe a mentalidade evangelical, sua teologia e ideologia. Para o protestante brasileiro, desde o começo, cristão era somente aquele que havia passado pela experiência interna de salvação”, ou seja, a experiência de conversão. Pelo valor que é dado à experiência de conversão nesta linha de teologia, trataremos de expô-la em detalhes no item que se segue.

### 3. A conversão como momento fundador do “universo religioso de ADC”<sup>10</sup>

Para Rubem Alves, na análise do Protestantismo, a conversão é o ponto de partida<sup>11</sup>. A partir de uma sugestão de Rudolf Otto, ele afirma que para entender a religião é necessário começar de uma experiência emocional que antecede sua articulação racional. “Tanto o mito imaginativo, quando desenvolvido em um sistema, quanto o intelectualismo escolástico, quando elaborado até as suas últimas implicações, são *métodos por meio dos quais o fato fundamental da experiência religiosa é dissolvido e diluído até ser finalmente eliminado*” (Otto, 1958, p.27 – grifos do autor). Sua preocupação é evitar que o ponto de partida da compreensão da religião seja as

Cristalizações institucionais da religião, doutrina, ritual ou organização, como se elas revelassem realmente os fundamentos da religião. As formas institucionais

<sup>9</sup> “Evangelical é uma ala do movimento evangélico que enfatiza a experiência emocional da conversão como sinônimo de conversão. Alguns movimentos evangélicos afirmam que a experiência religiosa se repete infinitamente, durante toda a vida, num processo que chama de ‘santificação’, ‘segunda bênção’ ou ‘perfeição cristã’. Outros irão ainda mais longe, dizendo que a experiência religiosa repete-se a cada instante, especialmente nos momentos de culto coletivo, como é o caso dos pentecostais” (Mendonça & Velazques, 1990, p. 82). A pesquisa sobre a teologia presente nos grupos locais e nos congressos anuais de ADC ainda está por ser feita. Pode ser que apresente contornos diferenciados daqueles dos livros de Ribeiro, mas em função da limitação deste texto (ADC que participaram da Copa de 1994), não entraremos nesta discussão.

<sup>10</sup> Apesar da pesquisa de Alves se referir ao protestantismo de tipo ideal, denominado por ele como PRD – protestantismo da reta doutrina, alguns aspectos de sua análise podem aplicados ao movimento de ADC. Durante a exposição faremos as ressalvas necessárias.

<sup>11</sup> W. Hudson, em seu *American Protestantism*, já apresentava a experiência de conversão como ponto inicial da vida cristã, acentuando-a como característica do movimento teológico do evangelicalismo, in Velazques & Mendonça, (1990, p.81).

da religião estão para a experiência religiosa fundadora, da mesma forma como o discurso consciente está para o trauma que ele pretende resolver. Elas não revelam, mas obscurecem e escondem (ALVES, 1979, p.51-52).

Desta maneira, a linguagem do Protestantismo, seja litúrgica, doutrinária ou de simples conversação, se nos apresenta como uma estruturação da realidade. “Ela faz um *inventário* do real, *dá nome* às coisas e indica como elas se articulam lógica e funcionalmente” (Alves, 1979:52). Isto significa que a pluralidade da experiência religiosa vai sendo transformada, pela linguagem, a categorias e conceitos limitados. Tudo é definido e explicado.

Fazendo uso da psicanálise, Alves trabalha com a idéia da neurose, que só se elucida quando pode ser reconstruída a partir do trauma originário. Na religião ocorre o mesmo. “A linguagem religiosa se origina nas emoções e, por isto, é necessário identificar as emoções a partir das quais ela se construiu praticamente” (ALVES, 1979, p.53). Embora os frequentadores das igrejas aprendam as várias doutrinas da denominação, ninguém é movido emocionalmente por elas, ou seja, uma linguagem religiosa só é assumida na medida em que ela responde a uma necessidade emocional. E a sugestão de Alves é que este momento do nascimento do universo protestante é a *conversão*, é ela a “entrada do labirinto”.

É neste ponto que o “novo falar” pode ser constatado. Converter-se é abandonar um discurso e adotar um outro. Como instrumento de mediação entre o homem e seu mundo, a linguagem cristaliza o que a comunidade já definiu como a realidade. Entretanto, ela “é sempre *interpretação*. Na interpretação, fundem-se os objetos com as emoções, o mundo e o homem se abraçam... O sujeito que fala está sempre presente no seu falar” (ALVES, 1979, p.54).

Enquanto esta relação entre o homem e o mundo fizer sentido, a linguagem não será questionada. Nas palavras de Berger e Luckmann, “na medida em que o meu conhecimento funciona de forma satisfatória, sinto-me inclinado a suspender minhas dúvidas a seu respeito” (BERGER & LUCKMANN, 1973, p.44). Alves (1979, p.54) completa:

Se minha interpretação do mundo, interpretação que unifica a minha personalidade e o meu mundo num todo significativo, mostra-se adequada para organizar meu comportamento e para prever o comportamento futuro do mundo, nada há que me force a duvidar.

Ocorre que os esquemas interpretativos são freqüentemente desestruturados, tornando a linguagem obsoleta e incapaz de interpretar o mundo. Causas como mudanças sociais, choques culturais, urbanização, migração, etc., provocam crises capazes de desestruturar o conhecimento

do mundo expresso na linguagem. Aquela capacidade de dar nomes desaparece, e mesmo os significados dos acontecimentos tornam-se inacessíveis. Esta desintegração do sentido é a “dissolução da unidade homem-mundo”, ou na linguagem de Berger, a anomia.

Para Alves, a conversão é o processo de reestruturação ou reconstrução de esquemas interpretativos e de valor. Citando Berger, ele afirma que “a experiência de conversão a um sistema de significação tem suas raízes numa necessidade humana profunda de ordem, propósito e inteligibilidade” (ALVES, 1979, p.57). É a conversão que dá sentido ao que era experimentado como destituído de sentido.

Mais do que uma simples mudança de comunidade religiosa, processo puramente externo de abandono de um grupo e posterior adesão a um outro, a conversão é um “processo psicossocial que se caracteriza pela desestruturação de esquemas de significação, seguido da adoção de um outro, estruturalmente distinto do primeiro” (ALVES, 1979, p.58). De fato, isto ocorre em outras esferas, como no campo psicológico, ideológico e mesmo científico. A ideologia que adotamos serve para articularmos nossos valores pessoais com a sociedade e a história, ou seja, é um esquema significativo capaz de promover tal articulação<sup>12</sup>.

No ambiente do futebol profissional, fonte de todos os personagens analisados por Ribeiro em “*Quem venceu o Tetra*”, ocorre com frequência o colapso dos esquemas de interpretação da realidade, sobretudo por causa da grande pressão exercida por torcedores, pelos dirigentes, pela necessidade constante de desempenho de alto nível, pelo risco constante de contusões<sup>13</sup> e mesmo por mudança brusca de condição social. Uma explicação religiosa que pudesse reinterpretar as situações cotidianas dando-lhes sentido, superando a ameaça de anomia, seria sempre bem-vinda. Um exemplo desta reinterpretação pode ser encontrado nas palavras de Taffarel:

Desde que convidei Jesus Cristo para morar em meu coração, passei a contar com a força, o amor e o poder de Deus nos momentos mais importantes de minha vida. Nem tudo é um mar de rosas na vida do cristão e na minha não foi diferente. Mas na hora do aperto, na hora da traiagem (sic) de técnicos e dirigentes, na hora do

<sup>12</sup> A esse propósito, podemos adicionar a tese de Bourdieu, ausente na perspectiva de Alves, que propõe um estudo da religião como linguagem criadora de um mundo. Como linguagem, a religião é, ao mesmo tempo, um *veículo simbólico estruturado e estruturante*. Estruturado por ser construído a partir de uma estrutura interna própria, um conjunto de signos (próprios do campo religioso), isto é, um sistema simbólico de comunicação; estruturante por estruturar a vida e a cosmovisão dos atores sociais religiosos, integrando-os a um *locus* que lhes dá sentido.

<sup>13</sup> Messias & Pelosi (1997, p. 50) afirmam que “um clima psicológico, como por exemplo, sentimentos de frustração, medo e preocupação, podem desencadear reações tais como torções, distensões musculares e uma limitada concentração”. Neste sentido a religião pode dar o “background psicológico” positivo, necessário à prática de esportes de alta performance.

frango e da vaia da torcida, na hora em que perdi meu pai ou vi minha mulher entre a vida e a morte na UTI de um hospital em Porto Alegre e na hora de pegar o pênalti decisivo, é que percebi o quanto é importante não estar só. Deus nunca me deixou na mão. E não foi diferente na final da Copa de 1994. (Depoimento no *site* de Atletas de Cristo).

Este tipo de afirmação torna clara a consecução do segundo objetivo de ADC – além da divulgação da Palavra de Deus –, qual seja o de dar apoio à carreira do jogador. Além disso, a profissionalização do futebol iniciada em 1933 trouxe consigo a crescente exigência de ascetismo e disciplina, fundamentais para o sucesso na carreira do jogador, mas que nem sempre é alcançada por ele. No caso dos ADC, a instrução religiosa nos grupos locais parece facilitar a adaptação a estas exigências, e de fato, tudo começa com o “compromisso com Deus”, a conversão.

A conversão, portanto, indica que a personalidade passou por uma metamorfose. Há “uma nova atitude axiológica frente à vida: um valor distinto é assimilado à matriz emocional da consciência” (ALVES, 1979, p.59). A partir desta nova atitude, a própria vida é dividida em termos de *antes* e *depois* da conversão, havendo uma distinção clara entre os tempos da ignorância, o *antes*, e o estágio atual, de plena significação, o *depois*.

No caso da conversão entre os ADC, cabe perguntar até que ponto esta divisão em *antes* e *depois* pode ser mantida. Parece-nos que a conversão já não é, no seio do Protestantismo atual, e ainda mais no âmbito das igrejas pentecostais e neopentecostais<sup>14</sup>, uma divisão entre *antes* e *depois* nos mesmos moldes que Alves aponta. Apesar da manutenção desta explicação no discurso dos ADC, alguns aspectos da tese de Alves estão profundamente modificados. Referimo-nos, primeiramente, à pertença exclusiva a um grupo religioso no Protestantismo tradicional analisado por ele, hoje muito mais fluida e difusa. Os próprios ADC possuem uma “pertença múltipla”: à instituição religiosa de sua escolha (geralmente de tipo igreja ou seita), ao grupo local de Atletas de Cristo no clube em que atua como jogador, e aos ADC como instituição nacional. Participam, assim, de comunidades locais (sua igreja e seu grupo local de ADC) e de uma comunidade “virtual” (os ADC como movimento).

---

<sup>14</sup> Para uma classificação de protestantes, pentecostais e neopentecostais no Brasil, ver Mendonça & Velazques (1990); Mariano (1995); Freston (1993); Campos (1997).

Além disso, convém destacar que uma característica marcante da conversão ao Protestantismo apontado por Alves se refere à ruptura com o passado<sup>15</sup>. O converso abria mão de relações sociais e hábitos anteriores à sua experiência religiosa de maneira, muitas vezes, drástica. A conversão em um ambiente de pós-modernidade (ou ultramodernidade, dependendo do enfoque) tem-se apresentado muito menos exigente, e mais flexível. Já não há uma grande ruptura com o passado, mas, parece-nos, uma “mudança estratégica<sup>16</sup>”, de linguagem e de atitudes, sem dúvida, mas que se apresenta muito mais como “mudança de religião”, e muito menos como a metamorfose axiológica discutida por Alves. Não se trata de discutir aqui a validade ou não deste tipo de experiência religiosa – o que seria uma tarefa ingrata até para os teólogos – mas de apontar as transformações porque tem passado o conceito de conversão na pós-modernidade.

Prandi, apoiando-se em uma pesquisa do Datafolha sobre a mudança de religião na cidade de São Paulo<sup>17</sup>, já havia registrado que:

Talvez uma das coisas mais chocantes a respeito da religião hoje em dia está na facilidade como qualquer um pode mudar de uma para outra sem que o mundo caia. A própria noção de conversão religiosa vai tornando-se um conceito fraco: houve tempo em que converter-se a uma outra religião significava romper dramaticamente com a própria biografia, mudar radicalmente de vida. No fundo, ninguém está mais muito interessado em defender nenhum *status quo* religioso. Desde que a religião perdeu para o conhecimento laico-científico a prerrogativa de explicar e justificar a vida, nos seus mais variados aspectos, ela passou a interessar apenas em razão de seu alcance individual. Como a sociedade e a nação não precisam dela para nada essencial ao seu funcionamento, e a ela recorrem apenas festivamente, a religião foi passando pouco a pouco para o território do indivíduo (PIERUCCI & PRANDI, 1996, p. 260).

Ainda discutindo os meandros do conceito de conversão, Alves afirma que é a crise emocional que cria a possibilidade e a necessidade da conversão. A crise traz o colapso dos

---

<sup>15</sup> O’Dea (1969, p. 89), citando A. D. Nock, afirma que “o estudo sobre a conversão no mundo antigo indicou que o cristianismo provocou conversão mais radical e mais profunda do que as outras religiões da época. Era possível aceitar os outros grupos, mas nenhum deles exigia ou permitia uma conversão completa, no sentido cristão ou judaico. Estas religiões exigiam um afastamento completo com relação ao antigo e uma imersão total no novo”.

<sup>16</sup> Um exemplo típico desta “mudança estratégica” foi apresentado por uma apresentadora e cantora de música popular, participante de uma comunidade evangélica de matriz neopentecostal, que justificou sua aceitação de posar nua para uma revista masculina como “um trabalho como outro qualquer, que não tem nada a ver com o fato de (ela) ser cristã”. Aparentemente, não há exigência de uma ética coerente com a pertença religiosa daquela comunidade, uma vez que não houve qualquer desmentido público ou informação de aplicação de sansão à cantora/apresentadora no seio da comunidade.

<sup>17</sup> Trata-se de *survey*, realizado na cidade de São Paulo em dezembro de 1995. Foram entrevistadas 1079 pessoas adultas.

sistemas de significação e a linguagem se revela incapaz de dar nomes às coisas. Com o colapso da significação e do poder de dar nomes surge a ansiedade: “Estamos frente à primeira tarefa necessária à conversão: *dar nome à ansiedade*, colocar a subjetividade frente a um objeto. Ao se dar nome à emoção, ela se torna compreensível, manipulável, exorcizável” (ALVES, 1979, p.61).

O Protestantismo interpretou esta ansiedade como advinda das profundezas da alma, como mensagem da eternidade. O homem não é simplesmente um ser-no-mundo, mas um ser-perante-a-eternidade, e a ansiedade deve ser interpretada como uma ruptura dessa relação fundamental. A ruptura dessa relação é o grande problema a ser resolvido.

Desta forma, não são os atos individuais que tornam o homem um pecador no tempo: não é o seu fazer que determina o seu ser, mas o seu ser que determina o seu fazer. O homem não se torna culpado, ele é culpado. Como culpado perante Deus, e portanto pecador, merece punição sem fim. Deus é a relação causal entre culpa e vingança. A pregação, neste ponto, não provoca a crise; apenas a revela. A conversão aparece, então, como uma experiência-resposta à experiência do terror da morte. Têm-se, portanto, a “nomeação” da ansiedade e proposta de solução. No discurso dos ADC esta crise está diluída e aparente apenas na compreensão das agruras de um campo de trabalho extremamente competitivo e pouco leal do ponto de vista ético. Além disso, há pouca ou nenhuma preocupação com a eternidade – ao menos no discurso institucional dos ADC –, a não ser com a “salvação de colegas jogadores e dos torcedores”. Aparentemente, pela configuração majoritária de atletas pertencentes a igrejas neopentecostais na Copa de 1994<sup>18</sup>, a preocupação estava centrada em “viver o céu aqui e agora”, muito mais do que esperar pela salvação pós-morte. Somente as vitórias importam, ainda que sejam atribuídas à ação divina; só a conquista do título importa, ainda que seja entendido como dádiva de Deus para aqueles que “são honrados pelo Pai porque exaltam o seu nome”.

A conversão é marcada pela aceitação de Cristo como “único e suficiente salvador”, cuja versão, no caso dos Atletas de Cristo é reconhecer a Jesus Cristo “como Filho de Deus, Salvador pessoal e Único caminho de ligação entre o ser humano e o Deus Único, Eterno e Criador de

---

<sup>18</sup> Jorginho pertencia à Igreja Internacional da Graça de Deus – atualmente é membro da Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro, Muller à Época da Graça (atualmente possui uma igreja de sua propriedade em que exerce a função de pastor), Taffarel apresenta-se apenas como atleta de Cristo em seu *site* pessoal na internet, e os demais, Paulo Sérgio, Mazinho e Zinho, não constam como pertencentes a uma denominação específica, nem em *Quem venceu o tetra*, nem em *Atletas de Cristo*.

todas as coisas” (RIBEIRO, 1994, p.139)<sup>19</sup>. Isto significa que, do ponto de vista do recém-convertido ocorreu uma experiência emocional, ou seja, sua própria linguagem é confessional, emotiva. Ela fala desta experiência *confessando* a metamorfose da alma: antes de Cristo, ansiedade, angústia, culpa, falta de sentido na vida; depois de Cristo, paz, alegria, certeza. Sua linguagem ainda não se constitui numa cosmovisão. Do ponto de vista da comunidade, o recém-convertido ainda “não sabe no que crê”. A linguagem da comunidade contém uma elaboração teórica desta experiência, ou seja, articula os sentimentos com uma cosmovisão compreensiva. Alves (1979, p. 68-69) destaca:

O converso não é alguém que abandonou uma filosofia de vida e uma ética, para abraçar a filosofia e a ética de Jesus. Se assim fosse, ele deveria ter idéias muito claras acerca da nova filosofia e da nova ética que ele está abraçando. Mas a experiência de conversão não se caracteriza por clareza de idéias mas pela intensidade das emoções. O modo imperativo da linguagem só será introduzido muito mais tarde, quando se tratar da edificação dos fiéis. Somente os já convertidos *a Cristo* podem entender os *ensinos de Cristo*. Na conversão importa *quem foi Jesus Cristo* e não o *que ensinou Jesus Cristo* (grifos do autor).

Por conta disto, a conversão, relatada pelo convertido, é uma *experiência de comunhão com uma pessoa* e não uma experiência didática de aprendizado de uma nova sabedoria. Para o recém-convertido, o que importa é o Cristo que se constitui num “*centro cósmico de poder de cura*”, o Cristo *salvador*, que é capaz de resolver o problema ontológico da culpa. A cura “não se processa por meio de uma pedagogia filosófica. A cura resulta de uma *participação mística, emocional, pessoal*, no próprio ser do Salvador. A mística antecede a moral, o ser antecede o fazer” (ALVES, 1979, p.69).

Podemos afirmar que ocorre uma transformação mágica, a mudança emocional do converso. E esta transformação dá início ao processo de reinterpretação da realidade, já transformada em Cristo. É a maneira de senti-la que foi modificada. Sua linguagem vai sendo modificada com o tempo e o aprendizado, mas tudo tem seu início na conversão. Sua vida é agora pautada por um divisor de águas: o antes da ansiedade, e o depois da felicidade e do mundo estruturado, embora seja necessário destacar com Prandi (1996, p.262), que “hoje, razões de ordem prática e individual para a conversão são popularmente consideradas como inteiramente aceitáveis”.

---

<sup>19</sup> Neste sentido não houve qualquer mudança de linguagem entre o Protestantismo analisado por Alves e os ADC. Há, portanto, uma solução de continuidade entre o discurso do protestantismo de tipo ideal de Alves e aquele de mesma herança evangelical dos ADC.

#### 4. Quem venceu o tetra.

Partindo do exposto até aqui, podemos desenvolver a análise da interpretação religiosa do êxito na Copa do Mundo de 1994. Dividi-la-emos em duas partes: a exposição da argumentação dos atores sociais envolvidos e a análise crítica propriamente dita.

Ribeiro apresenta a interpretação dos jogadores que participaram da Copa. Na verdade, ele mesmo, que participou e coordenou o grupo durante a competição, também dá a sua versão. Transcrevemos as mais importantes:

– Nós dedicamos este título a Jesus! – gritou Paulo Sérgio” (RIBEIRO, 1995, p.76).

Quando aquela bola passou voando alto por cima do travessão a única coisa que me deu vontade de fazer foi me ajoelhar e glorificar a Deus, pois sabia que a vitória estava vindo dEle e só Ele merecia aquela glória. Afinal de contas, nem Baggio fez o gol, nem eu fiz a defesa no lance final da Copa de 1994 (Depoimento de Taffarel no *site* de Atletas de Cristo).

Jorginho recebeu a taça. Na mesma hora, sem agüentar de tanta alegria, o atleta de Cristo ergueu o troféu. Com a outra mão apontou o dedo para o céu... – Essa taça é de Jesus – estavam todos dizendo para o mundo (RIBEIRO, 1995, p. 77).

Estava muito claro que o grande produtor do filme que foi a Copa do Mundo de 1994 foi o próprio Deus. Eu estava acordando para a enorme realidade de tudo o que tínhamos acabado de viver: ali, bem diante de meus olhos, na foto do Taffarel, eu vi a prova concreta da grande resposta à oração que tínhamos feito no início de tudo: *Senhor, que vença essa Copa do Mundo o país que puder trazer maior honra e glória ao teu nome...* Invisível, mas real, Deus venceu a Copa do Mundo de 1994. E ele o fez da sua maneira (RIBEIRO, 1995, p. 80).

A atribuição da vitória à ação divina é clara. Seja na atitude simbólica de apontar para o céu, na explicação de que nem o atacante e nem o goleiro foram os heróis (embora o jogador Roberto Baggio tenha ficado estigmatizado por este lance<sup>20</sup>), e mesmo na dedicatória do título a Jesus. O ato de apontar para o céu em gratidão a uma suposta bênção divina se tornou lugar comum entre os jogadores evangélicos, e até entre jogadores religiosos que não fazem parte de

---

<sup>20</sup> Baggio é “garoto-propaganda” de uma bebida escocesa cujo slogan é “keep walking”. Em seu anúncio da bebida, aparece cobrando o pênalti na final da Copa e errando; em seguida, tem a oportunidade de cobrar outro pênalti, dois anos depois, na final da Copa da Europa, ocasião em que faz o gol. Passa a idéia de que, ao acertar a segunda cobrança, superou o trama da primeira. Seria interessante verificar a interpretação que os ADC dariam à superação sugerida no comercial, sobretudo por ser propaganda de bebida alcoólica.

ADC, como o goleiro Marcos, do Palmeiras. Aliado a este gesto simbólico, e reforçando esta interpretação religiosa do esporte, Jorginho descreve a visão que teria tido durante a Copa:

Desde antes da Copa eu ficava me imaginando campeão. Sei que a gente deve ter cautela com essa história de revelação, mas quando a gente fez a oração naquela última reunião... foi uma coisa sensacional. Eu nunca tinha visto nada igual antes. Nunca vi um anjo e nem sei como os anjos são. Só sei que eu vi uma galera voando, saindo com um troféu na mão e entregando aos pés de Deus. Eu já tinha certeza, mas quando vi isso foi demais. Fiquei na minha e não falei nada pra ninguém na hora. Mais tarde eu percebi que Deus tinha concedido uma visão e me mostrado realmente que a taça já era nossa (RIBEIRO, 1995, p.65).

Na interpretação de Taffarel encontra-se o que Thompson chama de dissimulação da ideologia através do deslocamento, presente na utilização de um termo que “costumeiramente é usado para referir-se a um determinado objeto ou pessoa, ser usado para referir-se a outro” (1995, p.83). De fato, foi Baggio quem errou o pênalti e deu o título ao Brasil e, portanto, diferentemente do que disse o goleiro brasileiro, apesar dele não ter feito a defesa, o atacante italiano teve participação direta na ação.

Também se utilizando da simbologia, Ribeiro, em “*Quem venceu o Tetra*” (1995, p.64-65), faz uma interpretação de um texto bíblico (Mt 25,14 – 30, a parábola dos talentos) aplicando-a aos ADC que participavam da Copa. Para ele, o patrão é Deus, os funcionários que receberam talentos eram os ADC e os talentos eram as chances que Deus estava lhes dando de disputar a Copa. Uma vez que eles fossem servos capazes de multiplicar os talentos, Deus (patrão) os recompensaria com a vitória.

Mas a cena final da Copa é sua interpretação religiosa por excelência (ver apêndice). Primeiro, porque transforma o confronto de dois jogadores de futebol em uma “disputa de deuses”, sacralizando o esporte<sup>21</sup>. E segundo, porque atribui a vitória do Brasil ao fato de haver atletas evangélicos em seu plantel, o que, supostamente, “traria maior honra e glória” ao nome de Deus se fosse o vencedor. A extrapolação de atividades humanas à esfera do divino repete a fórmula analisada anteriormente e chamada de dissimulação da ideologia através do deslocamento por Thompson. Quanto à interpretação de que Deus seria engrandecido com a

---

<sup>21</sup> Não há como deixar de perceber a semelhança entre esta compreensão e aquela das religiões afro-brasileiras, em que a participação da divindade (orixás) pode determinar o sucesso ou derrocada dos empreendimentos humanos. Significa afirmar: Deus está do nosso lado! Prandi (1991, p.63) chama a atenção para um fato interessante: a atitude de “contabilizar” as vitórias interpretando-as de maneira religiosa e de abandonar a explicação das derrotas pelo mesmo meio, é um tipo de “quebra da ética” nas religiões afro-brasileiras. No campo do futebol, este abandono da explicação religiosa das derrotas entre os ADC é muito comum. Quando não há vitória, não se fala de Deus!

vitória dos brasileiros, ocorre a dissimulação da ideologia através da sinédoque, que “envolve a junção semântica da parte e do todo: alguém usa um termo que está no lugar de uma parte a fim de se referir ao todo” (THOMPSON, 1995, p.84). Desta forma, “o Brasil” é vencedor porque supostamente glorifica mais a Deus, quando, na realidade, está-se dizendo que aquele plantel foi vencedor porque havia Atletas de Cristo entre eles. Obviamente não se pode deixar de registrar que, independentemente de ter havido influência divina na vitória brasileira, o que seria uma questão mais de fé do que de evidência empírica<sup>22</sup>, a equipe brasileira não era composta apenas por atletas evangélicos. Isto sugere que adeptos de outras formas de religiosidade também poderiam reivindicar os créditos da vitória, até por questão de estatística, já que os evangélicos representavam apenas 27,27% dos jogadores. Tanto para vencer, quanto para perder, a seleção dependia sempre de todos os jogadores que estavam em campo. Ainda que entre eles houvesse não-convertidos.

Além disso, a interpretação de Ribeiro legitima a supremacia da fé evangélica através de uma estratégia de universalização<sup>23</sup>, já que um evento que ele e o grupo de ADC interpreta como “ação de Deus” é apresentado como “testemunho para o mundo”. É uma interpretação particular da cena final da Copa que é apresentada como um fato reconhecível por todos, o que é, ao menos, questionável. De fato, se todos tivessem tido esta percepção, não haveria necessidade de escrever “*Quem venceu o Tetra*”.

O que teria levado o diretor de ADC a fazer esta interpretação e a propagá-la como fato? Quais seriam as raízes desta interpretação religiosa do esporte? Parece-nos, pela exposição que fizemos até aqui, que a herança evangelical é decisiva neste processo. A necessidade de uma experiência interna de conversão, como condição para pertencer ao “povo de Deus”, separa os escolhidos dos não-escolhidos, os convertidos dos não-convertidos. Nesta concepção teológica, ser convertido é sinônimo de ser abençoado. A vitória da equipe brasileira seria, portanto, bênção de Deus para aqueles que lhes pertenciam (os escolhidos) e participaram da Copa.

A experiência de conversão traz a mudança de linguagem, como vimos anteriormente. Esta nova linguagem é interpretadora do mundo, agora tendo como ponto de partida o evento fundante. Desta forma, além da herança evangelical, e até como consequência dela, os mesmos

---

<sup>22</sup> Convém registrar que há intensa religiosidade no campo do esporte em geral e no do futebol em particular. As orações, “trabalhos”, promessas e rituais afins são comuns entre os jogadores.

<sup>23</sup> “Através desta estratégia, acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos” (THOMPSON, 1995, p.83).

fatos são reinterpretados. Não poderia ser diferente em relação aos eventos esportivos de grande relevância para os ADC. Ser vencedor em uma partida de futebol é ser agraciado com a bênção divina, é “ser honrado por Deus”. Participar da Copa do Mundo é “receber um talento”. Vencer com um erro de cobrança de pênalti pelo adversário, budista e não evangélico, é testemunhar que Deus é maior que Buda.

A herança evangelical, aliada à mudança de linguagem, traz como consequência uma atitude de certa “humildade evangélica”, que atribui a Deus as ações de grande vulto, como a vitória em uma Copa do Mundo. O “Deus que honra aos que lhe são fiéis”, aos que “são fiéis no pouco” e recebem a promessa de serem abençoados com abundância, é também o Deus que merece ser honrado acima de tudo por ser o “grande produtor do filme que foi a Copa do Mundo de 1994”. Ao mesmo tempo esta atitude de “humildade” faz desaparecer os outros personagens da seleção, dando a impressão de que sua importância é secundária ou até nula. Quando eles aparecem, servem apenas para destacar ainda mais a maneira miraculosa da vitória, servindo como “instrumento nas mãos de Deus”, ainda que não fizessem parte dos ADC<sup>24</sup>. Paradoxalmente, a “humildade evangélica” parece conviver com um certo “orgulho santo”, expresso na interpretação ideológica da vitória motivada pela presença dos ADC no grupo.

## 5. Quem perdeu o Hexa

A seleção brasileira que atuou na Copa do Mundo de 2010 contou com três pessoas ligadas ao grupo de ADC: Lúcio, zagueiro, Kaká, meio-campista e Jorginho, auxiliar técnico. Há a possibilidade de outros jogadores estarem ligados ao grupo, como Josué, Luisão, Luiz Fabiano e Felipe Melo, mas o site do grupo não os menciona. Partindo da explicação que o grupo apresentou quando venceu a Copa de 1994, pretende-se agora discutir o silêncio relacionado à derrota em 2010 e as ações de alguns dos participantes do grupo, com o objetivo de verificar se há continuidade na cosmovisão religiosa ou se a derrota precoce a alterou. Começamos pela análise das ações de participantes do grupo.

Em artigo reproduzido pelo Blog do jornalista Juca Kfourri, Cláudio Abramo aponta para a irracionalidade da junção entre esporte e religião, ao afirmar que “permitir-se que um membro da comissão técnica escolha pessoas para exercer funções objetivas (como olheiro e chefe da

---

<sup>24</sup> É o caso de Branco, lateral esquerdo da seleção que não fazia parte dos ADC, mas é destacado na vitória contra a Holanda nas semifinais da Copa.

segurança, conforme se noticiou) por conta de sua obediência a uma seita religiosa só pode ser resultado de doideira”<sup>25</sup>.

A escolha de pessoas ligadas à religião para desempenhar funções esportivas, citadas pelo jornalista, além de irracionais, não seguiram os critérios naturais de toda seleção, que, em tese, deve reunir os melhores em cada atividade. O jornal *A Folha de São Paulo* havia anunciado que Jorginho, auxiliar técnico de Dunga, foi o responsável por essas escolhas:

Ele foi o responsável pela contratação de Marcelo Cabo para ser ‘espião’ de Dunga no Mundial. Desconhecido no futebol, Cabo dividia com Taffarel, escolhido por Dunga, a função de observar os rivais do time nacional. Amigo de Jorginho de igreja, ele só trabalhou em clubes pequenos do futebol, como o Bonsucesso, o Bangu e o desconhecido Atlético de Tubarão (SC). O ponto alto da carreira dele foi ter sido auxiliar técnico de Marcelo Paquetá na seleção da Arábia Saudita, em 2002. No Oriente Médio, treinou times locais<sup>26</sup>.

Desta forma, Taffarel, personagem importante na Copa de 1994 por ter sido o símbolo da vitória de Deus sobre o budismo, e atleta de Cristo, juntamente com Marcelo Cabo, passaram a ser os protagonistas de parte importante na preparação da seleção, como olheiros. Essa função foi exercida durante anos por Jairo dos Santos, que chegou a publicar um tipo de dossiê para desvendar como se vence uma Copa, além de apontar o seu afastamento pela escolha de Jorginho<sup>27</sup>. Em comunicado ao jornalista Juca Kfoury, Jairo dos Santos afirmou que havia sido “observador técnico da seleção brasileira em oito Copas do Mundo, preparei quatro finais, em duas o Brasil foi campeão. Mas, ao final das eliminatórias, Jorginho preferiu colocar alguém com muita experiência evangélica e membro de sua igreja”<sup>28</sup>.

Essas atitudes do auxiliar técnico de Dunga, porém, não estão em discordância com a sua leitura religiosa do futebol. Da mesma forma que Alex Dias Ribeiro atribuiu a vitória em 1994 a Deus, desconsiderando todos os fatores naturais de um torneio de futebol como é a Copa do Mundo, Jorginho repetiu em 2010 o mesmo processo: cercar-se de atletas convertidos e de pessoas religiosas em todas as funções que sua posição pudesse influenciar. A idéia era repetir o mesmo sucesso, uma vez que Deus estaria premiando seus escolhidos como fizera em 1994. A evidência maior desta manutenção da compreensão religiosa do futebol está estampada nas

<sup>25</sup> Disponível em <http://blogdojuca.uol.com.br/2010/07/futebol-e-racionalidade/>, acessado em 08/07/2010.

<sup>26</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/761586-jorginho-sai-queimado-da-selecao-brasileira.shtml>, acessado em 08/07/2010.

<sup>27</sup> Disponível em <http://fourfourtwo.com/blogs/worldcup2010/archive/2010/06/15/brazil-s-secret-world-cup-dossier.aspx>, acessado em 08/07/2010.

<sup>28</sup> Disponível em <http://blogdojuca.uol.com.br/2010/07/acredite-se-quiser/>, acessado em 08/07/2010.

palavras do próprio Jorginho, ao desembarcar no Brasil no retorno da África: “não nos arrependemos de nada, tudo foi feito como planejávamos e não mudaria nada do que foi feito”<sup>29</sup>. Em outras palavras, tudo foi feito para que Deus premiasse seus escolhidos, os convertidos, e se isso não aconteceu, é porque não tinha de acontecer, não por desobediência ao que ele, Jorginho, considerava ser a vontade de Deus.

A coerência de Jorginho com sua visão religiosa do futebol também se revelou, embora indiretamente, na possível influência sobre a convocação dos jogadores. Todos os jogadores considerados “baladeiros” ou “*bad boys*”, como Adriano, Ronaldinho Gaucho, André Santos, entre outros, foram preteridos na convocação.

Além disso, o mesmo artigo da *Folha de São Paulo*<sup>30</sup> apontou que o “auxiliar técnico de Dunga comandava também na seleção as sessões de oração. Um pastor freqüentava a concentração para rezar com os jogadores. Lúcio, Josué, Felipe Melo e Luisão eram os atletas mais participativos”. Portanto, o roteiro vitorioso de 1994 estava sendo seguido à risca, sem alterações e com o mesmo objetivo.

O segundo ponto importante na análise da participação da seleção brasileira na Copa da África é o silêncio em relação à derrota. Na verdade, desde 1998 isso vem se repetindo. Aquela seleção contava com alguns jogadores ligados aos ADC, como Taffarel, César Sampaio e Zé Roberto. A seleção de 2002, vitoriosa na conquista do penta-campeonato mundial, contava com Lúcio, Edmilson e Kaká, mas não teve a repercussão apresentada em 1994, talvez pela falta de um elemento dramático e simbólico como aquele do pênalti perdido por Baggio. Em 2006 estavam presentes Lúcio, Kaká, Zé Roberto e Mineiro. Em todos esses casos de derrota houve silêncio em relação ao que teria motivado a desclassificação.

Qual seria o motivo deste silêncio? Deus teria abandonado seus escolhidos? Haveria alguma outra seleção mais fiel ou com mais convertidos que deveria ser premiada com a bênção divina? Por que não atribuir a Deus também a derrota?

As respostas a essas perguntas passam necessariamente pela cosmovisão religiosa que estamos analisando entre os ADC. Não faz parte da compreensão religiosa do futebol atribuir as coisas ruins à divindade, já que a leitura teológica que os ADC fazem do texto sagrado é marcada

<sup>29</sup> Disponível em [http://copadomundo.uol.com.br/2010/album/100704chegadaemquadrinhos\\_album.jhtm?abrefoto=9#fotoNav=10](http://copadomundo.uol.com.br/2010/album/100704chegadaemquadrinhos_album.jhtm?abrefoto=9#fotoNav=10), acessado em 08/07/2010.

<sup>30</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/761586-jorginho-sai-queimado-da-selecao-brasileira.shtml>, acessado em 08/07/2010.

pela “teologia da retribuição”, que apregoa a bênção de Deus aos que são fiéis e a punição aos infiéis.

Um dos exemplos mais cristalinos do silêncio dos ADC sobre a derrota diz respeito ao um dos jogadores da seleção, Felipe Melo, que pode ser considerado um caso paradigmático da compreensão religiosa do futebol. Além de ser tido como um jogador violento, o que destoava do discurso de *fair play* que os ADC tentam passar – Jorginho chega a dizer em seu testemunho na página do grupo na Internet que ele deixou de ser violento depois de se tornar religioso – o volante brasileiro acabou sendo expulso de campo na partida em que a seleção foi desclassificada na Copa de 2010, contra a Holanda. Para não pairar nenhuma dúvida sobre a vinculação religiosa de Felipe Melo, reproduzimos a reportagem do Globo Esporte:

O volante brasileiro Felipe Melo, do Juventus, revelou que seu maior sonho é ser diácono de sua igreja no Brasil, e que, em segundo lugar, quer ‘ser campeão da Itália e do mundo’, em entrevista publicada nesta sexta-feira pelo jornal italiano ‘La Stampa’.

- Estou estudando com o objetivo de ser diácono da minha igreja no Brasil, mas, para isso, tenho que mudar várias coisas, tenho que mostrar a cada dia que mudei. Por isso, estou estudando a Bíblia com um pastor brasileiro missionário. Sempre tive fé, mas fazia coisas erradas - disse.

Felipe Melo confessou que Deus o mudou ‘dentro e fora do campo’ e que, graças a sua fé, agora se sente ‘mais maduro, mais tranquilo, melhor’, porque não sente mais ‘vontade de brigar com as pessoas’, como fazia antes ‘pelas ruas ou na boate’, segundo o jornal<sup>31</sup>.

Nenhum comentário sobre a atuação desastrosa de Melo na partida contra a Holanda foi publicado ou produzido por pessoas ligadas aos ADC. O atual presidente do grupo, Jorginho, se limitou, como citamos anteriormente, a dizer que fez tudo certo e que faria tudo da mesma forma.

Esse silêncio, ao lado da reafirmação de que tudo foi feito com planejamento e de maneira pensada, são coerentes com a percepção da teologia da retribuição. O silêncio diz, sem dizer, que Deus não quis que a seleção brasileira fosse campeã. Seguindo a lógica do texto “Quem venceu o Tetra”, diz que Deus não seria honrado com a vitória dos brasileiros. Ao mesmo tempo, esse silêncio racionaliza a derrota para os integrantes da seleção brasileira filiados ou ligados aos ADC, na medida em que explica simbolicamente que os atletas religiosos não podem suplantar a vontade divina, mesmo tendo se dedicado intensamente à vitória.

<sup>31</sup> Disponível em <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/italiano/0,,MUL1343367-9848,00.html>, acessado em 08/07/2010.

## 6. Considerações finais

Temos, portanto, a herança evangélica que centraliza a experiência de conversão e separa convertidos e não-convertidos como fator decisivo na explicação religiosa do esporte pelos ADC. Aliada a esta herança, a mudança de linguagem interpretadora do mundo, que reinterpreta todos os fatos da vida, dos corriqueiros aos mais importantes, a partir daquela experiência fundante. Como fruto desta mescla surge um tipo de humildade evangélica que atribui os atos mais impressionantes a Deus, abençoador dos que lhe pertencem.

Para fecharmos nosso texto, e a partir das observações apontadas até aqui, podemos levantar algumas questões que mereceriam estudos mais detalhados, que não estão no escopo deste trabalho. Uma questão importante é o maniqueísmo dos ADC, que nos leva a perguntar: quem não é Atleta de Cristo, é atleta de quem? Qual seria o alcance “ecumênico” dos ADC?

Outra questão de fundo prático, já levantada por comentaristas esportivos da televisão, diz respeito à interpretação religiosa do esporte: quando há jogos entre duas equipes que contam com Atletas de Cristo em seus elencos, qual seria o critério de concessão de vitória adotado pela divindade? A quantidade de ADC presentes no time? A fidelidade majoritária dos jogadores filiados aos objetivos do grupo? Quem seriam os jogadores “honrados por Deus” com a bênção da vitória?

Finalmente, cabe-nos questionar também a dificuldade inerente à prática concomitante do futebol e da religião. Como esporte de alta performance, o futebol traz a exigência de dedicação total e do uso de todos os expedientes necessários para alcançar os objetivos. Quais seriam as discrepâncias éticas com as práticas religiosas? Como justificar as atitudes “pouco éticas”, como faltas violentas, expulsões, provocações a adversários e coisas afins? Entre outras questões, estas ainda estão por serem pesquisadas.

## Referências bibliográficas

ALVES, Rubem A. **Protestantismo e Repressão**. São Paulo, Ed. Ática, 1979.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **Construção Social da Realidade – Tratado de Sociologia do Pensamento**. Petrópolis, Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. **O Dossel Sagrado**. São Paulo, Paulus, 1985.

CAMPOS, Leonido S. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal**. São Paulo/Petrópolis, Simpósio/UMESP/Vozes, 1997.

- FRESTON, Paul C. **Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment**. Campinas, Unicamp, 1993 (tese de doutoramento).
- HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo, Brasiliense, 1990 (coleção primeiros passos).
- \_\_\_\_\_. **Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: O Jogo como Elemento da Cultura**. São Paulo, Perspectiva, 1979.
- MAGNANE, Georges. **Sociologia do Esporte**. São Paulo, Perspectiva, 1969.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: O Pentecostalismo está mudando**. São Paulo, USP, 1995 (dissertação de mestrado).
- MAZZONI, Tomás. **História do Futebol no Brasil, 1894-1950**. São Paulo, Edições Leia, 1950.
- MENDONÇA, A. G. & VELAZQUES FILHO, P. **Introdução ao Protestantismo Brasileiro**. São Paulo, Loyola, 1990.
- \_\_\_\_\_. “Fé Cristã, Intolerância e Fanatismo”, In: **Cadernos de Pós-Graduação**. n° 5, São Bernardo do Campo, IEPG, 1986, pp.29 – 39.
- \_\_\_\_\_. “O Protestantismo Latino-americano entre a Racionalidade e o Misticismo”. In: **Estudos de Religião**. n° 18, São Bernardo do Campo, UMESP, 2000, pp.69 – 98.
- MESSIAS, Adria Maria & PELOSI, Ana Cláudia B. A. M. “A Relação entre a Personalidade e a Prática Esportiva”, In: MACHADO, Afonso Antonio (org). **Psicologia do Esporte – Temas Emergentes 1**. Jundiaí (São Paulo), Ápice Editora, 1997, pp.37-56.
- MIRA Y LOPES, E. & SILVA, Athayde R. **Futebol e Psicologia**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- NUNES, Francisco José. “Os Atletas de Cristo no país do Futebol”. In: COSTA, Márcia Regina (org). **Futebol – Espetáculo do Século**. São Paulo, Musa Editora, 1999, p.206-213.
- O’DEA, Thomas F. **Sociologia da Religião**. São Paulo, Pioneira, 1969.
- OTTO, Rudolf. **The Idea of the Holy**. New York, Oxford University Press, 1958.
- PIERUCCI, Antonio F. & PRANDI, Reginaldo. **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo, Ed. Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Os Candomblés de São Paulo: a velha magia da metrópole nova**. São Paulo, Editora Hucitec, 1991.

RIBEIRO, Alex Dias. **Atletas de Cristo**. São Paulo, Mundo Cristão, 1994.

\_\_\_\_\_. **Quem Venceu o Tetra**. São Paulo, Mundo Cristão, 1995.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis, Vozes, 1995.

### Sites consultados

<http://www.agrandejogada.com.br/atletas.htm>

<http://blogdojuca.uol.com.br/2010/07/futebol-e-racionalidade/>, acessado em 08/07/2010.

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/761586-jorginho-sai-queimado-da-selecao-brasileira.shtml>, acessado em 08/07/2010.

<http://fourfourtwo.com/blogs/worldcup2010/archive/2010/06/15/brazil-s-secret-world-cup-dossier.aspx>, acessado em 08/07/2010.

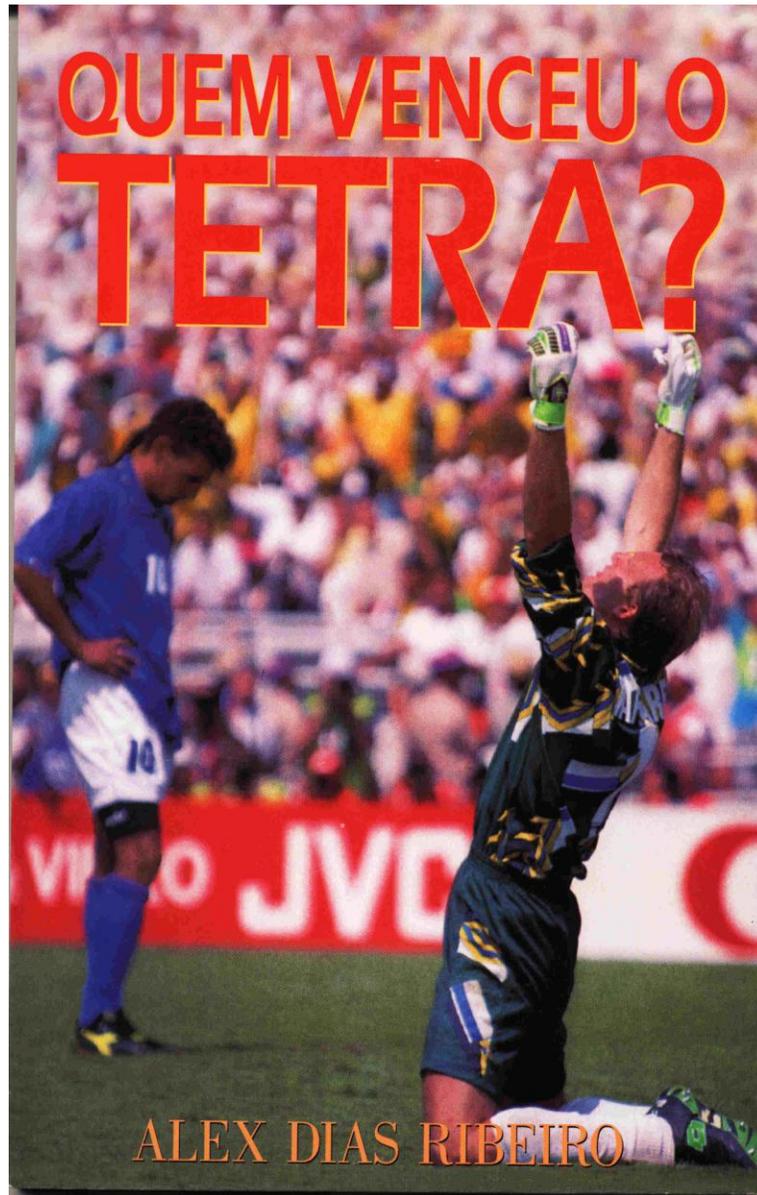
<http://blogdojuca.uol.com.br/2010/07/acredite-se-quiser/>, acessado em 08/07/2010.

[http://copadomundo.uol.com.br/2010/album/100704chegadaemquadrinhos\\_album.jhtm?abrefoto=9#fotoNav=10](http://copadomundo.uol.com.br/2010/album/100704chegadaemquadrinhos_album.jhtm?abrefoto=9#fotoNav=10), acessado em 08/07/2010.

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/761586-jorginho-sai-queimado-da-selecao-brasileira.shtml>, acessado em 08/07/2010.

<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/italiano/0,,MUL1343367-9848,00.html>, acessado em 08/07/2010.

## 7. Apêndice



Recebido em 22/10/10  
Aprovado em 10/01/11